

" Música, povos e diferenças - Uma reflexão sobre a integração"

por

Afonso Claudio S. de Figueiredo

Introdução

Quando recebi o convite para participar desse evento, tive uma imensa satisfação em poder contribuir para o conteúdo de uma discussão com temas tão relevantes dentro do universo das Relações Internacionais, principalmente em se tratando do momento histórico no qual vivemos. Todavia, junto com o prazer de participar, veio o desafio de encontrar um ângulo e uma perspectiva com a qual eu pudesse contribuir para aumentar o escopo das abordagens do simpósio. O desafio é ainda maior pois todos que estudam as relações internacionais convivem com as questões que permeiam o tema da convivência entre os povos com muito mais proximidade do que aqueles que habitam o universo artístico, onde há, seja pela via da criação, da curiosidade ou simplesmente pelo interesse por um aprendizado mais completo das questões artísticas, uma comunhão, que mesmo não sendo esta sempre harmoniosa, ela é no mínimo, intensa.

O artista é por definição um representante pela via lúdica de anseios, alegrias, tristezas e angústias do ser humano imerso na sociedade, pois não existe arte, ou significação do objeto artístico fora do tecido social, deslocado do contexto no qual tal obra foi criada e/ou apresentada. Para o artista é necessário haver uma reverberação, positiva ou negativa, de sua criação na sociedade. Como me disse uma vez um colega músico: *“a falta de dinheiro deprime, mas o ostracismo enlouquece.”* Portanto, ser reconhecido como personagem atuante pela sociedade em que está inserido, independente

de qualquer julgamento de valor, é mais que fundamental para um artista, é tão primordial como o sangue que circula pelo seu corpo.

Seguindo o provérbio que diz que “*onde há fumaça há fogo*” podemos concluir que ao observarmos, estudarmos e tentarmos compreender o objeto artístico e seu criador – a fumaça – podemos chegar a um entendimento mais amplo do segmento social que ele representa – o fogo – pois não teremos chance de sermos bem sucedidos ao abordarmos uma obra de arte, se a encontrarmos deslocada de seu *habitat*, ou por que não dizer, distante de seu povo.

Contudo, para que possamos ampliar o nosso conhecimento e a nossa compreensão de um objeto artístico e da corrente social que ela representa, é importante estabelecermos alguns parâmetros de observação da própria arte e trabalharmos com elementos presentes na sociedade que são representados muitas vezes, pelo próprio Estado e suas funções sociais, administrativas e políticas.

Nessa apresentação, utilizando a Música, vou refletir um pouco sobre a arte como ferramenta de integração entre as pessoas, entre os segmentos sociais, entre os povos e culturas. Enfim, repensar um pouco sobre esse mosaico cultural tão rico que a humanidade criou e como nós, seres humanos vivendo em sociedades, somos ao mesmo tempo herdeiros, guardiães e criadores e temos o dever paradoxal de ao mesmo tempo preservar, expandir e questionar. E esperamos que durante esse processo possamos entender melhor a natureza humana e suas motivações.

A Música – objeto de estudo – e suas relações com estruturas de poder

Não é mistério para ninguém, que as expressões artísticas estiveram – e possivelmente sempre estarão – ligadas ao Estado vigente e podem ser consideradas

muitas vezes, até um braço do próprio Estado. Assim como a música religiosa feudal, renascentista e barroca foi ligada à Igreja católica por séculos na Europa, a música romântica está ligada ao poder dos impérios, ainda que alguns já decadentes. Compositores como Bach, Handel, Mozart, Beethoven, Schumman, Wagner, etc. trabalharam para a estrutura de poder vigente de seu tempo, estando sempre a serviço e na proteção do Estado, seja ele representado pelo poder eclesiástico ou monárquico.

Já no final do século XIX, com a ascensão da sociedade burguesa, e com a instalação do sistema capitalista na maioria das sociedades democráticas ocidentais que aconteceria no século XX, os artistas passaram a trabalhar para o Estado burguês, ou seja, para o mercado. A música se tornaria, no jargão dos economistas, uma *commodity*, ou seja, um produto no mercado livre. Nesse momento temos instaurada uma outra discussão, que vai além do assunto abordado primordialmente aqui, pois pode a arte ser um produto e continuar a ser arte? A resposta é que sim, a arte pode ser – e na maioria das vezes é – um produto mas nem todo produto artístico será considerado arte uma vez que nem toda música vendida tem na sua *gênese* os elementos básicos da criação artística humana, que seriam por definição o objeto artístico criado com a imaginação e a habilidade humana. Muitos produtos artísticos no mercado se baseiam mais em alguma cópia ou imitação do que na criação. Alguns aspectos dessa questão são até já muito antigos, tendo sido abordados em 1936 por Walter Benjamin (1892-1940) no seu trabalho a respeito do assunto intitulado, muito apropriadamente: *A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica*. Questões que lidam com originalidades não são simples de abordar e como volto a afirmar, vão muito além do que proponho discutir aqui. Mas é importante saber que o mercado pode ser um empregador tão ou mais insensível que a Igreja ou as monarquias dos séculos passados e não importa qual seja a força dominante que é representada pelo Estado, o artista está sujeito à ela, de uma maneira direta ou indireta.

Sendo assim, o artista tem de se equilibrar entre agradar a um poder dominante e simultaneamente criar de acordo com os seus próprios critérios. Esse poder dominante nem sempre entendeu ou aceitou as idiossincrasias dos artistas nas suas tentativas de equilibrar essas duas forças, a primeira sendo o ímpeto criativo e outra que poderíamos simplesmente chamar de *agradar aquele que está pagando*. Esse equilíbrio, quando ausente, invariavelmente leva o artista a um ostracismo. Aconteceu com músicos como Mozart, Beethoven, Charlie Parker, Hermeto Paschoal, Victor Assis Brasil e tantos outros, só para citar poucos nomes.

A liberdade artística então, não é dada – ou conquistada – plenamente pelo criador. Ela é uma concessão feita pelo mercado na expectativa de que o produto criado será vendável e por conseguinte, gerará lucro. Algumas vezes esse lucro não é puramente contábil, pode ser em forma de imagem ou propaganda como no caso de patrocínios, apoios, empréstimos, etc. Mas o fato é não existe liberdade artística total com o dinheiro de outros. Portanto, o artista é um empregado, como tantos outros na sociedade, que sofre as pressões que qualquer um pode sofrer uma vez que é parte atuante, ainda que muitas vezes a contragosto, da sociedade produtiva.

Ser parte dessa cadeia, de certa forma, aproxima o artista – e por conseguinte a sua obra – do segmento da sociedade que ele, junto com seu objeto artístico, representa. Dessa forma, podemos encontrar quando a obra reverbera na sociedade, uma sintonia que pode ser de identificação, de repulsa, ou até de premonição na sociedade, e desde que não haja indiferença, o produto artístico se consuma como obra de arte e podemos concluir então, que se torna uma ferramenta indispensável para se entender a sociedade e o ser humano.

Música – usina de linguagens

Recentemente esteve disponível no circuito de salas de cinema da cidade o filme *Babel*. O filme trata da dificuldade de culturas diferentes se comunicarem por meio da linguagem falada. A trama se processa por uma sucessão de mal entendidos uma vez que os personagens não encontram uma língua comum que possibilite um entendimento. Mesmo sabendo que a existência de uma linguagem falada é um dos pilares da espécie humana e uma das principais características que nos distingue dos outros seres vivos, não há garantias, como o filme aborda, de que possamos nos entender com qualquer um simplesmente... falando. Um habitante do Senegal possui todas as ferramentas anatômicas para falar chinês, ou mandarim, mas se não for exposto à essa língua, e conseqüentemente à essa cultura, jamais será capaz de se comunicar nesse idioma.

Mas a música também é um elemento primordial de qualquer cultura. Não existe povo sem música e ela é, tanto como a linguagem falada, um dos pilares de qualquer organização social humana. Tanto como quando nos debruçamos sobre uma língua, quando estudamos a sua música, podemos identificar nela todas as principais características de um povo, ou de uma tribo, ou de um segmento social, etc. Cada povo possui a sua música, cada país possui a sua música, cada região possui a sua música, etc. A música é uma marca cultural indelével a qualquer sociedade e é, dentro de um parâmetro específico, uma linguagem de comunicação em si mesmo.

A música desprovida de uma mensagem verbal pode ser, e já tivemos inúmeros exemplos na história da música disso, uma linguagem universal. Encontros entre músicos de jazz e rock de diferentes regiões do mundo acontecem desde o século passado e cada vez há mais interesse entre os músicos por intercâmbios dessa natureza. É também comum encontrarmos músicos estrangeiros aqui no Brasil estudando a nossa música, assim como as escolas americanas e européias estão cheias de estudantes de outros continentes estudando jazz e música clássica.

A experiência de se fazer música com músicos de nacionalidades variadas pode ser uma das pontes culturais mais eficientes nas relações entre os povos, pois baseia-se no som – um elemento presente na natureza – e na música – linguagem presente em qualquer cultura, que quando independente da mensagem verbal, pode ser comum a muitas pessoas.

A Música como ferramenta da integração

Existem palavras que por serem usadas a exaustão acabam por se tornarem símbolos de uma época. Esses termos tendem a virar bordões, que são repetidos incessantemente e podem adquirir conotações ideológicas, artísticas, de identidade, etc. Uma palavra que se encontra onipresente nos dias de hoje é *inclusão*. Discussões sobre inclusão estão permanentemente nos meios de comunicação.

Sem ter o objetivo de criticar de forma negativa os esforços daqueles que trabalham pelas várias formas de inclusão, sejam elas a social, a digital, a racial ou a econômica e, reconhecendo que existem questões de carências históricas em muitos lugares do nosso país, proponho que também se busque, além de uma inclusão, uma integração.

Nesse momento, podemos perguntar, qual seria a diferença entre integração e inclusão? A resposta se encontra em exemplos nos quais podemos observar uma real interação. Em situações onde a integração entre os personagens se faz presente, seja ela por qualquer interesse, não observamos exclusão uma vez que os atores estão interagindo pela sua própria vontade.

Exemplos simples de integração podem ser vistos em manifestações tão simplórias como uma simples torcida de futebol, onde indivíduos *integrados* – nem sempre de forma positiva ou construtiva é bom frisar – se reúnem para torcer pelo seu time. Torcedores não discriminam outros torcedores, uma vez que seja esse outro torcedor a favor do seu time. Outro exemplo comum seriam as escolas de samba, onde pessoas de origem e classe econômicas diferentes podem se unir em prol de um desfile, que se torna então, um objetivo comum.

A meu ver, é muito mais construtivo agregar pessoas em busca de um resultado comum do que simplesmente agrupa-las em situações que podem ser bem intencionadas, mas não evitam uma situação de artificialidade. O indivíduo *incluído* pode ser, muitas vezes, alocado em um grupo e se sentir deslocado, enquanto uma pessoa que se junta a um grupo levada por um objetivo, é mais capaz de se sentir *integrada* a esse grupo. Onde uma integração dessa natureza acontece, na maioria das vezes ela parece tão natural que nem sequer a notamos.

A música tem sido uma ferramenta de integração das mais efetivas do nosso tempo. Grupos musicais com pessoas de várias raças e variados grupos sociais são comuns em qualquer corrente musical e o mais interessante, é que dentro de muitos desses grupos ninguém se sente estranho, a menos que não execute a sua função musical a contento, e nesse caso, o que vemos é uma seleção natural e não exclusão por motivos extra-musicais.

Na minha experiência pessoal posso relatar um projeto que realizei ano passado, quando fui contemplado com um patrocínio do grupo Telemar para formar uma *big band*. Esse grupo, que recebeu o nome de Orquestra Popular, foi formado com a intenção de ter uma variedade de músicos jovens, independente de qualquer outro atributo. Cada chefe de naipe escolheu os participantes com esse foco em mente.

Posso dizer que foi uma experiência extremamente valiosa pois tivemos jovens de todas as regiões e de diferentes classes sociais do Rio de Janeiro – chegamos a contar até com um jovem músico do Espírito Santo. Todos trabalharam juntos sem que houvesse nenhum tipo de problema pois a música era o nosso objetivo final. Fizemos alguns ensaios e cinco concertos. Infelizmente o projeto acabou e o patrocínio não foi renovado mas essa curta experiência me fez compreender o alcance da música como uma ferramenta de integração entre pessoas que, distantes por várias razões, podem se unir para a realização de um projeto artístico, uma vez que todos se sintam representados como músicos e artistas dentro do processo.

Final

Concluíno, nesse momento histórico em que vivemos onde o mundo fica a cada dia menor e com recursos de comunicação que colocam opções para o indivíduo que seriam impensáveis há poucos anos atrás. Nesse mundo ainda novo para nós, todos parecem estar, ainda que aparentemente próximos, muitas vezes até mais distantes ainda. Dentro desse contexto é que aproveito esse espaço para levantar a discussão de uma integração, a partir da experiência musical, que se baseie em maneiras de se trabalhar ou estudar em conjunto, aproveitando os vários segmentos sociais que, quando articulados por um objetivo comum, podem se tornar simplesmente um grupo comum, ou melhor, apenas um grupo musical distinto.

Há possibilidades de nos aproveitarmos da linguagem musical – que como já disse tem o potencial de ser universal por si só – para que haja uma compreensão maior dos universos das individualidades dentro de um âmbito do funcionamento grupal. Sendo

assim, é possível trabalharmos a integração uma vez que consigamos traçar objetivos comuns a todos os participantes e desenhemos um projeto onde se criem as oportunidades para que uma integração aconteça de forma plena, ou seja, onde o indivíduo ao participar se torne mais do que nunca, uma representação artística única de seu segmento social, porém em sintonia com as responsabilidades do seu papel dentro do seu grupo e esteja consciente das necessidades de se atender as exigências de um mercado que exige como resultado, um produto artístico.